

“ALFABETIZAÇÃO VISUAL”: A ARTE PARA SENSIBILIZAÇÃO E PARA REMIÇÃO DE PENA

Izabel Cristina Liviski

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as representações de mulheres no espaço prisional no contexto de privação de liberdade, através das narrativas fotográficas realizadas por elas mesmas. Ao fazer-se a análise de seus registros fotográficos, foi problematizada a relação das imagens com a construção de suas intersubjetividade no cárcere. Para tanto, utilizou-se os métodos de etnografia e de alfabetização visual quando foram realizados encontros com um grupo de dez internas, concomitantes à realização de uma oficina de fotografia no Presídio Central Estadual Feminino em Piraquara, no estado do Paraná, durante o ano de 2015. Este trabalho foi espaço de pesquisa e de extensão, com uma iniciação à capacitação profissional em fotografia, visando também o atendimento à remição de pena para as detentas. A conclusão é que no ato fotográfico, elas constroem um modo de ver as coisas e narram especialmente, como querem que as coisas sejam vistas, revelando seu protagonismo no olhar. Quando colocadas em relação, muitas imagens contrastam dialeticamente com suas trajetórias de vida e o contexto na qual elas são produzidas.

Palavras-chaves: *Alfabetização visual; Etnografia; Espaço Prisional; Intersubjetividade; Representações.*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é a versão resumida de uma experiência que se realizou no Presídio Central Estadual Feminino em Piraquara em 2015, com um grupo de dez internas, mulheres apenas cumprindo de sete até vinte e quatro anos de sentença em regime fechado. A metodologia utilizada foi a de etnografia e alfabetização visual na perspectiva interdisciplinar da Sociologia e Educação. A experiência foi realizada com o intuito de pesquisa com a realização de uma oficina de fotografia com a duração de seis meses, sendo uma aula por semana, e teve como objetivos a sensibilização e educação pelo conhecimento teórico e prático da elaboração de imagens, através da fotografia. Assim também como resultou em uma iniciação profissional nessa área e a remição de pena para as internas.

Em seu livro *Universos da Arte* (1989), Fayga Ostrower conta sua experiência em ministrar cursos de arte para um grupo de operários de uma fábrica, onde o objetivo principal era a apreciação estilística da história da arte, embora em sua narrativa revele que não seguiu

uma sequência cronológica da mesma. Ao invés disso, ela se utilizou de um enorme volume de ilustrações, escolhendo aquelas que melhor caracterizassem uma obra ou uma época, a fim de que seus alunos compreendessem e refletissem sobre os processos de criação artística e sobre a importância da própria arte na vida de cada um deles.

Assim, a presente experiência transformada em pesquisa, também buscou criar condições para o entendimento das imagens no nosso dia a dia, através de uma leitura crítica das mesmas, do conhecimento de uma parte da história da fotografia e da prática fotográfica, utilizando o repertório de cada uma das internas e as condições do meio prisional para alargar as suas visões de mundo e de si mesmas.

O resultado desse trabalho pode ser resumido no depoimento de uma detenta que assim se expressou: *“quando me disseram que ia acontecer um curso de fotografia, eu pensei: fotografar o que aqui dentro? grades? mas agora estou descobrindo muitas coisas novas. Para mim, esse foi um projeto prazeroso que não apenas foi o que mais me marcou, mas também me fez crescer como ser humano”* (DETENTA, 2015).

2. A PROPOSTA DE TRABALHO

2.1 FORMAS DE INTERAÇÃO COM O GRUPO FOCAL

No contato com as internas do presídio feminino, ficaram muito claras as noções de estigma e a discriminação a que as presas estão submetidas pelos chamados “de fora”: o medo do contato físico, o abraçar ou mesmo ‘encostar’, porque resulta no contágio moral. Esse estigma está ligado a uma construção social advinda da diferenciação entre os considerados “normais” e os “diferentes”.

O estigma envolve toda uma construção psico-social, que se desenvolve a partir do momento em que ‘normais’ e estigmatizados se encontram e se relacionam em uma mesma situação social. Parece haver um receio de contágio no contato com uma pessoa, devido à sua situação de ‘condenada’ socialmente, porque de alguma forma ela oferece um perigo sentido de forma inconsciente, de maneira que uma pessoa estigmatizada possui uma inferioridade inerente a si, e de certa forma, não é considerada completamente humana (GOFFMAN, 2008). Assim, ao pesquisador (a) é necessário despir-se de muitos preconceitos, pré-julgamentos e até mesmo de seus medos e receios mais recônditos para realizar seu trabalho.

Após vários trâmites burocráticos necessários à efetivação do projeto, e muitas reuniões entre os grupos envolvidos, finalmente é hora de colocar em prática tudo o que foi discutido e escrito nos inúmeros planos de trabalho, já que o projeto envolveu várias atividades, entre elas uma oficina de fotografia para o grupo de presidiárias e entrevistas com as mesmas como parte do material empírico da presente pesquisa, e ele se inicia com várias dinâmicas de grupo.

Vale ressaltar que o Presídio Feminino caracteriza-se como um estabelecimento penal de segurança máxima, destinado a custódia de presas condenadas. Atualmente ocupa uma área de 3.200 m², com uma população carcerária média de 340 presas alojadas em 40 celas. A interação que se estabeleceu entre o grupo de pesquisa e as detentas tiveram muitos momentos de emotividade especialmente pela natureza das dinâmicas aplicadas, que traziam à tona memórias, sentimentos e vivências para as detentas.

A pesquisa de campo propriamente dita teve início com uma entrevista para levantamento de dados psico-sociais, realizadas no interior do presídio com dez detentas, que se dispuseram a colaborar na pesquisa, tendo como contrapartida a participação na oficina profissionalizante, onde elas teriam a possibilidade de adquirir conhecimentos teóricos e práticos de fotografia. Em um segundo momento, dentro da metodologia etnográfica, foram disponibilizadas câmeras fotográficas digitais para que o grupo de detentas registrasse em imagens seu espaço de convívio prisional.

A participação nesta oficina de fotografia, rende às detentas ‘remição de pena’, ou seja, elas diminuem o tempo de permanência no presídio através desta e de outras atividades culturais. Em particular, esse grupo focal tem um alto grau de escolaridade constituído por dez detentas, todas com ensino médio completo, sendo que uma delas é formada em Administração, e ainda outra está fazendo o Curso de Pedagogia, à distância. Deve-se acrescentar que, embora presumível, os nomes das detentas que aqui são fornecidos, tratam-se de pseudônimos por elas mesmas escolhidos.

As interações travadas com o grupo de internas, constava além da entrevista preliminar, de dinâmicas de grupo, assim como de entrevistas individualizadas para traçar suas trajetórias de vida. Duas das participantes são de outros estados, Minas Gerais e São Paulo, a faixa etária

varia entre vinte e quatro e trinta e cinco anos, e a maioria está presa por crime de tráfico de drogas. Ao responderem sobre a motivação para fazer o curso de fotografia, a unanimidade aponta para uma expectativa de trabalho, uma nova profissão, para a abertura de portas para o mercado informal de trabalho.

Nas dinâmicas de grupo aplicadas, a abordagem foi com a aplicação de um exercício, chamado *Auto-Retrato Desenhado*, que tem como objetivos: Aprofundar a percepção de si mesmo; perceber as motivações que interferem nos pensamentos, sentimentos e ações e revelar algumas visões de mundo. A técnica consistia em que desenhassem em uma folha de papel, uma figura humana de frente, da cabeça aos pés. Ao terminar o desenho, deveriam entrar em contato com esse personagem dando-lhe uma identidade, uma vida e um nome. A justificativa para o uso desta técnica, é a de favorecer o resgate das trajetórias de vida.

Segundo Spindola e Santos (2003) esse método é baseado na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores. Assim uma investigação que priorize a informação do entrevistado exige uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato, e uma relação de confiança.

[...] as histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte. Uma narrativa tem uma função descritiva e avaliadora, pois, quando relatamos um fato, na verdade, estamos tendo oportunidade de refletir sobre aquele momento. Uma vez que “o sujeito não relata simplesmente sua vida, ele reflete sobre ela enquanto conta (SPINDOLA; SANTOS, 2003: p.158).

2.2 ALFABETIZAÇÃO VISUAL: A CONSTRUÇÃO DO OLHAR

A oficina de fotografia com as detentas teve início em março de 2015. A partir de alguns conteúdos introdutórios a esse campo de estudo, optou-se por iniciar a abordagem com um enfoque específico no papel que as mulheres desempenharam na história da fotografia.

Assim, foram selecionadas criteriosamente algumas fotografias, que foram consideradas “pioneiras” nesse campo, tendo suas origens em diferentes países.

Nesta primeira fase do trabalho, denominado de Alfabetização Visual, foi escolhido um exercício para a leitura de imagens, baseado na *Proposta Triangular* elaborado pela arte-educadora Ana Mae Barbosa (2007), que consiste na articulação entre a produção, a leitura e a contextualização das imagens. Ou seja, recorrendo à própria epistemologia da arte, o conhecimento segundo a autora, se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação no tocante às imagens (BARBOSA, 2007: p. 34).

O exercício consistiu em entregar duas imagens para cada uma das detentas, o retrato de uma das fotografias e uma imagem realizada por ela, juntamente com um resumo da biografia de cada artista. Para a análise, escolheu-se fotos em que mulheres estavam em atividade ou simplesmente posando. Em uma folha-tarefa entregue a elas, eram sugeridas atividades em que deveriam responder a algumas questões:

1. Analisar a imagem produzida pela fotógrafa frente a sua trajetória de vida (biografia).
2. Quais os fatos da vida da fotógrafa que você considera mais significativos?
3. Segundo sua percepção, em que contexto e com que objetivo a foto foi realizada?
4. Qual o significado da imagem para você? (PESQUISADORA, 2015).

Essa tarefa tinha o objetivo de atribuir significado às imagens recebidas, descrevendo a personalidade e o trabalho dessas profissionais, tal como as internas percebiam, tendo como base somente o resumo biográfico da fotógrafa. Em seguida, elas analisavam a imagem produzida por esta artista, mais uma vez tentando atribuir significados históricos, sociais e também subjetivos a esta imagem.

Foi proposto um exercício de observação e análise, que consistiu em duas fases: em um primeiro momento, na fase descritiva, elas enumeravam “aquilo que estavam vendo”, por exemplo: Uma detenta escolheu a fotógrafa norte-americana Frances B. Johnston (1864-1952). Na imagem de autoria dessa fotógrafa (FOTO 4), ela diz: “eu vejo uma foto em preto-e-branco, com uma mulher em um campo, vestida com um traje muito leve, transparente, e com um lenço grande nas mãos” Ela parece dançar e quase flutua no ar. O fundo é “desfocado, e ela está bem centralizada na foto” (DETENTA - 2015).

Então é solicitada que elas passem à segunda fase, interpretativa, onde irão fazer sua própria leitura das imagens recebidas, atribuindo significados às mesmas. A mesma interna diz:

[...] o retrato da fotógrafa é o de uma mulher forte, à frente de seu tempo, ela está sentada de uma maneira que não era comum para as mulheres da sua época, ela está bebendo e fumando que eram ‘coisas só de homens’ na época em que ela viveu. Ela parece ser decidida e firme nas coisas que faz (DETENTA, 2015).

Avaliando as leituras que as detentas fizeram das imagens recebidas, atribuindo significados às mesmas, percebe-se em suas falas, que para além da análise baseada na cognição e na percepção intelectual, há uma projeção muito nítida de suas subjetividades, emoções e afetos, transferidas para as imagens. Até mesmo na escolha preliminar de cada autora isso ocorreu, porque uma das detentas, transgênero, identificou-se com uma fotógrafa brasileira com aspecto “um pouco masculino, de cabelos curtos e postura decidida” (JUNIOR¹, 2015).

Sem utilizar-se de estereótipos, foi isso que se observou na ocasião. Até mesmo na escolha das fotografias analisadas, havia o desejo de alguma identificação, como por exemplo o nome parecido com o delas. Assim, até nos pequenos detalhes elas manifestaram elementos pessoais, marcadamente ‘individualizadores’, e em praticamente nenhum momento suas opiniões foram objetivas e neutras, produto somente de uma elaboração intelectual.

Aqui, devem-se esclarecer certas afirmações, quando se refere a ‘elementos internos’, ‘subjetivos’ e ‘pessoais’, não se está querendo sugerir que esses elementos são absolutos e exclusivos de um indivíduo, e nem se perder de vista a perspectiva colocada por Lahire (2004) de certos pressupostos na pesquisa social, o que representa para ele, um importante progresso no conhecimento, pois,

O foro íntimo, a subjetividade tida como o local de nossa liberdade maior se constitui em um dos grandes mitos contemporâneos. Ele sugere que se deve abandonar, “toda ilusão de ‘subjetividade’, de ‘interioridade’ ou de ‘singularidade’ não determinadas, de livre arbítrio ou de existência ‘pessoal’, sem qualquer influência do mundo social. Assim fazendo para deixar surgir as forças e contraforças, internas (disposicionais) e externas (contextuais), às quais estamos constantemente submetidos desde o nosso nascimento, e que nos fazem sentir o que sentimos, pensar o que pensamos e fazer o que fazemos (LAHIRE, 2004: p. 12-13).

¹ Nome social de uma das internas.

2.3 RODAS DE CONVERSA

As *rodas de conversa* ocorreram em algumas ocasiões em que professores convidados realizaram vivências com as detentas da oficina de fotografia, integrando suas falas e intervenções no conjunto de conteúdos previstos no Plano de Trabalho proposto para a coordenação de ensino do Depen-Pr (Departamento de Execução Penal do Estado do Paraná).

A técnica das *Rodas de Conversa* foi utilizada como uma possibilidade metodológica que tem a finalidade de aproximação entre os sujeitos em um contexto pedagógico. Foi utilizada de forma diferenciada no ambiente prisional no intuito de se atingir uma comunicação dinâmica com as detentas, porque em geral se dá em ambientes fechados e com os participantes sentados. Nesse sentido, mostrou-se como um instrumento capaz de estabelecer um espaço de diálogo, de interação e ao mesmo tempo de reflexão crítica.

Uma de suas características mais importantes é a “horizontalização das relações de poder”, onde se dissolve a figura do professor como centro e propagador de um processo, e deixa-se emergir a fala da coletividade como “signo de valores, cultura, normas, discurso e práticas”. É uma metodologia de trabalho que vem sendo desenvolvida e aplicada em diferentes contextos a partir dos estudos de Paulo Freire (1996) e outros autores (FREIRE, 1996: p.136).

A *roda de conversa* ocorrida em setembro de 2015, foi realizada por um antropólogo convidado, que promoveu uma vivência denominada “*A alma das coisas*”. As fotos realizadas pelas próprias detentas (Fotos 8, 9, 10 e 11) mostram cenas da atividade que foi desenvolvida no jardim do pátio comum a várias unidades, e tinha como instrumental de trabalho cerca de cem fotografias em um varal, copiadas em papel xerox com imagens de revistas de circulação nacional. Em um jogo dialógico, as detentas deveriam observar as fotografias e comentar sua percepção das mesmas, fazendo suas interpretações e dando um sentido próprio ao conjunto imagético, tendo como resultado interpretações e comportamentos inusitados, e expressões de conteúdos subjetivos e identitários.

3. RESULTADOS DAS INTERVENÇÕES: OLHARES PRISIONEIROS

O trabalho final da oficina de fotografia que consistiu em ensaios fotográficos realizados pelas presidiárias e que foi denominado como Portfólio², seguiu uma metodologia que foi se adaptando na medida em que as suas demandas modificavam a elaboração do conteúdo das aulas, assim também como as respostas que eram dadas a partir das provocações e propostas apresentadas a elas. No geral, os temas foram escolhidos pelas próprias autoras e posteriormente discutidos coletivamente em diversas ocasiões, onde todo o grupo participava dando sugestões.

Após a obtenção de imagens e para que realizem as ‘leituras’ das mesmas, atribuindo um significado pessoal ao material obtido, as detentas recebem um aporte teórico específico que as habilita no trato com essa linguagem que por sua vez, se agrega ao repertório cultural e existencial de cada uma delas. Nesse sentido, Walter Benjamin faz a importante reflexão de que:

[...] o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar’. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto? Não se tornará a legenda a parte mais essencial da fotografia? Tais são as questões pelas quais a distância de noventa anos, que separa os homens de hoje do daguerreótipo, se descarrega de suas tensões históricas (BENJAMIN, 1985: p.107).

A partir daí eram feitas as devidas adaptações de acordo com as possibilidades materiais de realização das mesmas, como o acesso aos equipamentos fotográficos, autorização de horários e locais para fotos pela direção da unidade³. O trabalho final foi solicitado pelos professores obedecendo às regras dos cursos de extensão. *Olhares Prisioneiros* também é o subtítulo do texto escrito por uma das presidiárias em seu trabalho final, o qual foi aqui apropriado, por se acreditar que é o termo mais significativo e o que melhor define o conjunto de todo o corpus fotográfico produzido por elas:

Nos encontramos em uma unidade penal, cumprindo pena por diversos delitos, mas não por isso, podemos dizer que neste lugar há bandidas e pessoas que só fazem o mal. Espero que eu consiga mostrar os diversos sentimentos que os olhares prisioneiros transparecem. A dor da saudade e a solidão consomem a pessoas que aqui se encontram, mas nem tudo é sofrimento. Na harmonia do dia a dia encontramos pessoas felizes por apenas estarem vivas, por terem outra chance de viver dignamente ao lado de suas famílias. E a grande maioria das que se encontram

² *Portfólio*: Conjunto de trabalhos de um artista, fotógrafo, arquiteto, publicitário, *designer* ou modelo. O Portfólio fotográfico é o resultado da edição das melhores imagens obtidas pelo profissional, ou estudante de fotografia, o termo foi adotado a fim de que as internas se familiarizassem com a linguagem artística e profissional relativas ao campo de trabalho.

³ Em algumas ocasiões, foi deixada uma câmera fotográfica compacta com a direção, para que em determinados horários e dias fosse disponibilizada para as internas realizarem seus trabalhos. Segundo elas, o sistema não funcionou muito bem, segundo a direção as internas não seguiam as regras, tentando ‘sequestrar’ os cartões de memória, para divulgar as fotos clandestinamente.

hoje nessa situação, tem dentro de seus corações a esperança de recomeçar uma nova vida. Pois tudo o que se vive aqui, deve ser para cada um, uma grande lição (NICOLY, 2015).

Progressivamente as internas começaram a demonstrar criatividade e um aguçamento do olhar em relação ao seu próprio meio. Paredes velhas e riscadas se tornaram um fundo perfeito para fotografias de moda, no estilo linguagem urbana, recorrentes em revistas especializadas e na publicidade, ensaios criativos foram

Também o ambiente prisional foi retratado em sua face ‘mais crua’, por algumas detentas que preferiram dar às suas fotos um tom mais de denúncia das condições vividas no cárcere. Percebe-se, portanto, duas perspectivas nitidamente delineadas com relação ao espaço físico: uma ‘estética expressionista’⁴, onde se pode abstrair os temas enfocados das condições em que foram realizadas e uma ‘estética realista’ onde propositalmente são retratados a dureza dos muros, das paredes, das grades e cadeados. Assim, a fotografia assume um uso social dentro do presídio muito específico. A propósito dos usos sociais da fotografia, Bourdieu (2003), afirma que,

[...] ao tomar a fotografia como objeto de estudo sociológico, em primeiro lugar, tem-se que estabelecer como cada grupo social regula e organiza sua prática individual, e como confere funções que respondem a seus próprios interesses. Porém, não se pode tomar diretamente como objeto aos indivíduos singulares e as relações que mantém com a fotografia como prática ou como objeto de consumo sem correr o risco de cair na abstração. Somente a decisão metodológica de estudar primeiro aos grupos reais permitiria apreciar (ou impedir de esquecer-se) o fato de que a significação e a função que se atribui à fotografia estão diretamente ligadas à estrutura do grupo, à sua maior ou menor diferenciação e sobretudo, à sua posição na estrutura social (BOURDIEU, 2003: p.46).

Portanto, não há como perder de vista de que se trata de um corpus fotográfico produzido por mulheres presidiárias e sua significação e função estão fundamentalmente ligadas ao espaço que ocupam, à situação de grupo e ao “lugar de onde falam, através das imagens”. Pode-se considerar também que estes portfólios se constituem em uma crônica visual da vida das presidiárias, fragmentos de uma realidade que elas vivenciam em seu dia a dia, pois: “*Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a*

⁴ O expressionismo foi um movimento artístico de vanguarda do início do século XX, que buscava retratar não a realidade objetiva, mas as emoções e as respostas subjetivas que os acontecimentos e objetos suscitavam no artista, e é neste sentido que se utiliza o termo aqui.

interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos” (SONTAG, 2004: p.17).

Há também no *corpus* fotográfico resultante do trabalho da oficina de fotografia, uma tensão, uma luta entre aquilo que as presas querem mostrar e o que o sistema carcerário permite, refletindo o que a sociedade como um todo tem como estereótipo a respeito da mulher apenada. Este fato pode ser entendido aqui como um “*processo de disputa social que se estende a produção da imagem, e a interpretação do seu significado*” (MAUAD, 2005).

Para efeitos de análise, estruturou-se uma categorização para os resultados da oficina de fotografia que foram expressos nos trabalhos finais, em três blocos temáticos: “*Autorrepresentação*”, “*Representação do Espaço Prisional*” e “*Performances e Intersubjetividades*”, e neste artigo serão mostrados apenas um exemplar do trabalho de cada categoria assinalada.

Na *Autorrepresentação*, são explorados partes do corpo com um sentido simbólico: a pele, mais especificamente as tatuagens que são aplicadas a ela e seus significados, as expressões dos olhos, os movimentos dos cabelos, e bocas como elemento estético.

Na *Representação do Espaço Prisional*, expressaram como vêem o entorno onde vivem materializados em muros, grades e cadeados, ou a natureza em uma visão idealizada. A temática *Performance e Intersubjetividade*, se insere no sentido em que “a performance completa uma experiência” (TURNER 1982:13-14, *apud* DAWSEY, 2006). Já a intersubjetividade aqui referida tem o significado de que,

(...) a emoção não pode ser entendida como um estado interno do sujeito nem tampouco que seja puramente um produto das suas próprias ações individuais,(...) faz parte da análise sociológica considerar a definição da situação por parte do ator social imerso em uma cultura emocional particular. Para este autor, é na relação com os outros que um ator constrói suas narrativas, com o tom de uma interpretação completamente pessoal. O conflito emocional não nasce de estados interiores de ambivalência, mas de contextos sociais, eles próprios, ambivalentes ou preenchidos com conflito (BURKITT, 1997 *apud* KOURY, 2004: p.10).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta todo o material produzido pela pesquisa de campo, a partir de suas experiências e vivências compartilhadas durante as atividades de formação no curso de fotografia já mencionado, propõe-se uma reflexão sobre a experiência de prisão na condição

de mulheres que cumprem pena na unidade de segurança máxima do complexo penal em Piraquara no estado do Paraná.

A trajetória de vida das mulheres que fizeram parte do grupo apresentado é marcada por narrativas representativas de um tecido de subjetividade trançados de revolta, tristeza, indignação, culpa, medo, humilhação, desapontamento, amor, sentimentos que parecem oferecer algum sentido a um senso de justiça peculiar. Talvez seja esse senso de justiça o indutor de redes de afetividade e proteção que marcam fortemente a identidade dessas detentas.

Associado a este fato, se impõe a realidade das prisões brasileiras, que, a despeito dos direitos humanos e garantias constitucionais, pauta sua constituição pela lógica da punição. Isso quer dizer que, a ideia que se faz de justiça para quem transgride a lei, deve se inscrever no corpo e na alma das detentas e detentos, transformando o presídio num inferno dantesco. Essa lógica do terror é amplamente fundamentada em muitos trabalhos acadêmicos e sua repetição acaba ecoando sem sentido, em meio ao banalismo acadêmico.

Outro dado é que os presídios são pensados majoritariamente como espaços masculinos e as especificidades de gênero nem costumam ser cogitadas, quanto mais asseguradas. As situações de isolamento em decorrência da prisão são vividas pelas mulheres de forma diferente no caso dos homens e é evidenciada na condição do corpo, a organização do espaço da cela, na busca de atividades mais produtivas para ocupar o tempo ocioso e o interesse em formação pessoal. Mas incluem também a questão da gravidez e a maternidade, via de regra marginalizadas e hostilizadas, assim:

[...] a experiência de confinamento penal revela-se particularmente dramática para as mulheres, sendo mais frequentes as queixas de solidão, tristeza, abandono e revolta. As situações de isolamento em decorrência de sanções disciplinares são vividas de forma diferente no caso dos homens. Apesar de reclamarem das condições das celas de isolamento, eles costumam suportar o confinamento sem dirigirem a si mesmos atos agressivos como autoferimentos e queimaduras no corpo, o que é comum entre as mulheres. Trabalhar, fazer artesanato, participar de grupos de apoio e oficinas diversas são algumas das estratégias utilizadas para suportar o encarceramento, além da demanda de atendimento individual ao serviço de psicologia (CUNHA, 1994: p.89).

E para onde levam todos esses dados colhidos durante o exaustivo trabalho de campo? As fotografias, as justificativas sobre o assunto fotografado bem como as trajetórias de vida registradas pelas entrevistas e interações, indicam uma grande necessidade de dar

sentido à vida, à situação e a experiência de prisão. Se grande parte do discurso sobre a prisão versa sobre a dimensão dos processos desumanos do sistema penitenciário, por outro lado, neste ambiente instável e movediço, se constituem novas redes de afetividade e sociabilidade.

As narrativas elucidam uma gramática que dá sentido à experiência vivida ao mesmo tempo em que serve de controle ao corpo institucionalizado. Porém, para além dos processos estigmatizantes e a destituição da pessoa, essa gramática atua como indutora de uma nova identidade. Fortemente agenciada pelos vínculos de uma rede trocas e favores, tanto detenta como externa por meio de familiares e amigos, a lógica da sensibilidade e da solidariedade resulta em uma identidade afetiva. São contingências da situação de estar presa, mas que aderem a condição social de “ser” presa, atributo que soa como um forte referência sobre a constituição da identidade neste contexto.

Portanto, essa sensibilidade subjetiva que marca as identidades no contexto do aprisionamento feminino, aparece na forma de discurso no trabalho etnográfico. Ao se expressarem por meio de imagens, pelo olhar de suas protagonistas, as detentas constroem narrativas sobre si, sobre a realidade, sobre o dito e o não dito. O corpo “mortificado” da prisioneira é resignificado com olhos, bocas, cabelos e corpos produzidos na forma de reafirmação da feminilidade ao mesmo tempo em que, dialeticamente, algemas, grades, muros, degradações, aprofundam a condição de estar presa, de ser detenta, mas sem deixar de ser e se expressar como mulher e todas as contingências de gênero que esta afirmação implica, recriando intersubjetividades, como um caleidoscópio de imagens.

Assim, este trabalho longe de estar concluído é apenas o início de uma senda, um vislumbre, uma janela entreaberta para novas descobertas no sentido de sensibilização e emancipação de pessoas em situação de privação da liberdade através da arte, pela elaboração e entendimento das imagens, utilizando-se como no caso desta pesquisa, predominantemente da fotografia. Pretende-se nesse sentido contribuir para outros estudos que contemplem a problemática de presídios e imagens.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ane Mae. *A imagem no Ensino da Arte*, Ed. Perspectiva, São Paulo: 2007.

- BENJAMIN, Walter. *Pequena história da fotografia*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas vol.1. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- BERGER, P. L. & Luckmann, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Ed. Vozes, Petrópolis: 1976.
- BONI & MORESCHI - *Fotografia, a importância da fotografia para o resgate etnográfico*. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf Acesso em: 01/08/2015.
- _____. *Un Arte Medio, ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Ed. Gustavo Gili, AS, Barcelona: 2003.
- CUNHA, Manuela P. da. Malhas que a reclusão tece: Questões de identidade numa prisão feminina. Lisboa: *Cadernos do Centro de Estudos Judiciários*, 1994.
- DAWSEY, John C. Turner. Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. *Revista Campos* 7 (2): 17-25, São Paulo: 2006.
- FAYGA, Ostrower. *Universos da Arte*, Edit. Campus, R.Janeiro: 1989.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, Nau Editora, 1997.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe. 38ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, Rio de Janeiro: 2010.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*, Editora Paz e Terra, R.Janeiro, 1967.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática pedagógica*. Ed. Paz e Terra, S.Paulo: 1996.
- GOFFMAN, Erwin. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. LTC, Rio de Janeiro: 1974.
- _____. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. Dante Moreira Leite, S.Paulo, Perspectiva, 7ª ed. 2005.
- IRELAND, Timothy D.; LUCENA, Helen H. Rodrigues de. O Presídio Feminino como Espaço de Aprendizagens. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n1/08.pdf> Acesso em 10/07/2015.
- _____. Introdução à Sociologia da Emoção. *Coleção Cadernos do GREM* (Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção) nº3, Editora Manufatura, João Pessoa, PB, 2004.
- KUBRUSLY, Claudio A. *O que é Fotografia*. Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 4ª edição, São Paulo: 1991.
- LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos, disposições e variações individuais*. Artmed Edit. Porto Alegre: 2004.
- MAUAD, Ana Maria. Na Mira do Olhar, um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan-jun, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v13n1/a05v13n1.pdf> Acesso em: 10/01/2016.
- PARSONS, Michael J. *Compreender a Arte*. Edit. Presença, Lisboa: 1992.
- SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a Ser e a Conviver*. Editora FTD, São Paulo: 1999.
- SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?) *Rev. Esc. Enferm. USP*: 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf> Acesso em 13/12/2014.
- SONTAG, Susan – *Sobre Fotografia*, Companhia das Letras, São Paulo, 2004.
- WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no Campo. Dossiê Pierre Bourdieu no Campo. *Revista de Sociologia e Política*, número 26, p. 13-29, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a03n26.pdf> Acesso em: 20/03/15.